

Risco de desabamento muda vida de morador da Bugia

Fotos de Evaristo Borges

Nilo De Mingo

A maré voltou a assustar os moradores do Bairro Bugia, em Conceição da Barra, na madrugada de ontem. O muro de uma casa já abandonada desabou e o banheiro de uma outra começou a ser danificado pela ação do mar. Na madrugada de segunda para terça-feira, o que restava de duas casas foi levado pelas águas do mar. Os moradores, apavorados, temem que haja uma tragédia de uma hora para outra e quando a maré sobe eles saem de casa e retiram móveis e objetos domésticos e pessoais, principalmente à noite e quando há vento Sul.

O vento Sul soprou forte durante toda a madrugada na região, mas pela manhã houve uma mudança no tempo e o vento passou para Este, deixando os moradores que residem às margens do Rio Cricaré um pouco mais tranquilos em relação a maré alta que aconteceu no começo da tarde. Hoje, o prefeito de Conceição da Barra, Mateus Vasconcelos, que está em Vitória, terá um encontro às 11h30m com o secretário de Transportes e Obras Públicas, Fernando Bettarello, para discutir a situação na Bugia. Caso ele já tenha encontrado uma solução ou um meio para dragar a foz do rio, ele deverá ir ao local no próximo sábado para anunciar isso aos moradores.

O vereador Reinaldo Botelho esteve na Bugia no começo da tarde de ontem e revelou que o secretário de Obras só irá a Conceição da Barra se tiver uma solução para apresentar aos moradores. "Ele já conhece o problema, sabe das preocupações dos moradores e, caso consiga uma solução, estará no sábado para informar isso a quem reside na Bugia", disse o vereador. Ele procurou saber com os moradores se o cimento e a brita cedidos pela Prefeitura já haviam chegado ao local. Ali mesmo, ele foi informado de que o material só começaria a ser colocado na

maré mais baixa, o que acontecerá nos próximos dias.

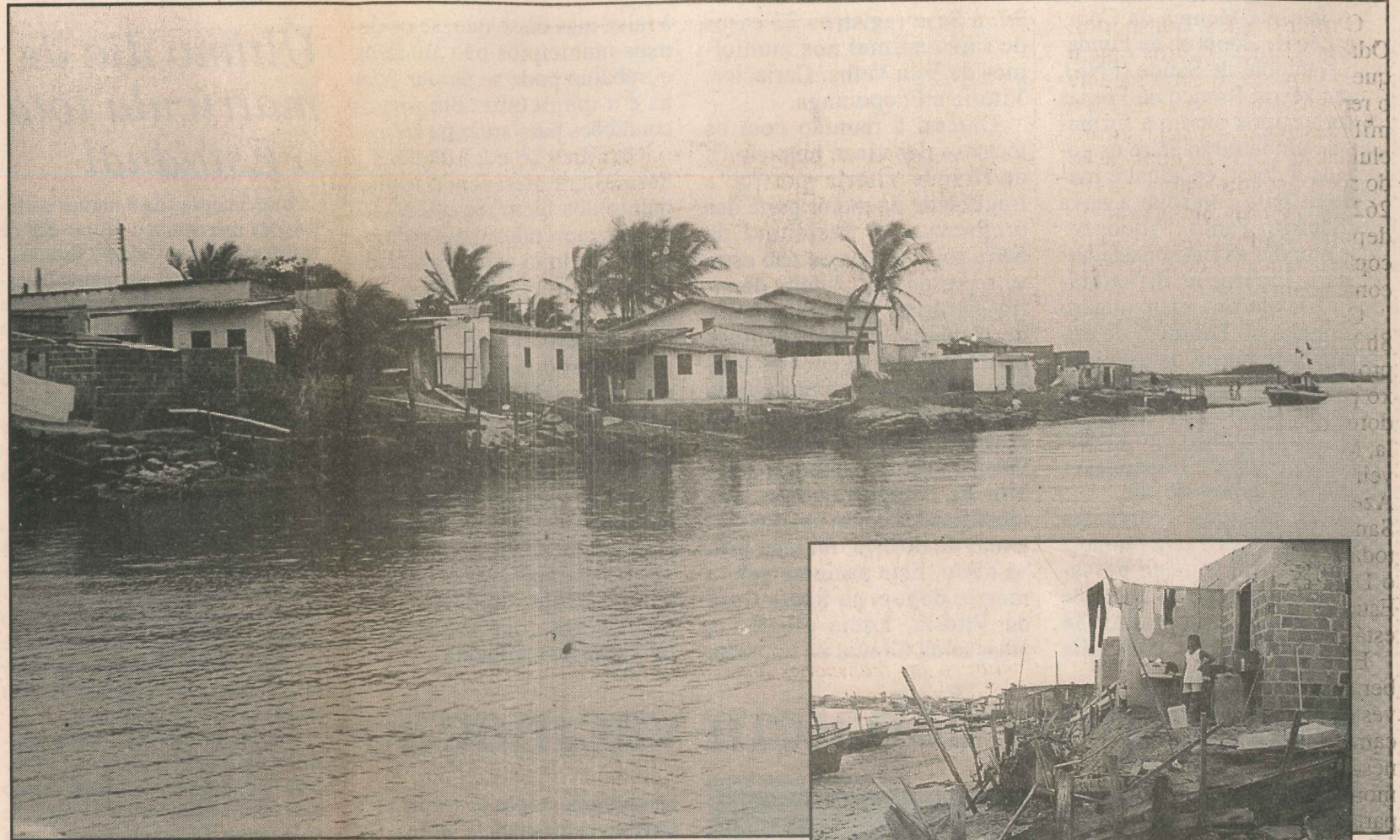
Medo

A dona de casa Amélia Barcelos Borges, que reside à margem do Rio Cricaré, passou a noite toda assustada com o mar e o vento Sul. E não foi para menos. O banheiro existente nos fundos da sua casa começou a ser destruído pela ação da maré. Pela manhã já dava para observar que uma parte da base havia sido levada pelas águas e é quase certo que numa maré mais forte esta parte da casa caia, apesar que ontem mesmo ter sido iniciada a construção de um escoramento desta parte da residência.

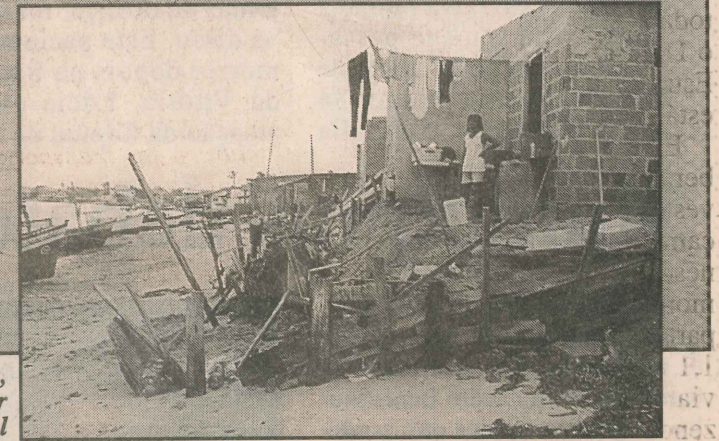
Ela mora no local com o marido, que é pescador, e três filhos pequenos. "Fiquei em casa morrendo de medo. Não saí ainda daqui porque não tenho outro lugar para morar. A cada dia que passa a situação fica pior aqui na Bugia e se não fizerem alguma coisa rapidamente todo mundo vai perder as suas casas", afirmou a moradora.

O pescador Renildo Peroba da Silva está com um pouco mais de sorte, já que não reside mais na margem do rio. "Eu já tive casa aqui, mas ela acabou sendo destruída pelo mar. Mora na Bugia, mas um pouco afastado do rio. Porém, isso não significa muita tranquilidade, pois a água pode levar tudo", afirmava o pescador.

Ele, que conhece bem a região, diz que a dragagem da areia existente no canal original do rio e a sua colocação no canal que se formou junto à margem direita do Rio Cricaré resolve o problema. "O leito do rio já avançou mais de 20 metros dentro da terra. Onde hoje passa a água existiam casas, ruas e até coqueiros onde eu colhia os frutos. Hoje, desapareceu quase tudo e se não fizerem nada vai desaparecer o pouco que ainda resta. As pessoas daqui dormem com medo e quando a maré sobe muito ou bate vento Sul eles saem das casas e tiram tudo o que podem", afirmou Renildo da Silva.



A ação do mar já destruiu várias casas na Bugia, e na madrugada de ontem a água começou a fazer desabar o banheiro de uma residência no local



Insegurança torna-se rotina

A vida dos moradores da Bugia nos últimos 12 meses, principalmente, não tem sido nada tranquila por causa do assoreamento do leito do rio Cricaré e das marés altas que vêm destruindo casas e prejudicando a pesca na região. Nada menos que 28 casas já desapareceram do local nos últimos anos e a pesca se torna mais difícil, pois só os barcos pequenos conseguem sair para voltar do mar. Empresas pesqueiras já deixaram de operar na região e apenas uma ainda continua em Conceição da Barra.

A rotina do pescador José Maria Araújo Celestino, que mora às margens do Cricaré, é sempre a mesma durante a maré alta: sair de casa. A água chega a invadir um dos cômodos da sua pequena moradia. Só esta semana isso aconteceu três vezes. "A única coisa que resta fazer é sair de casa".

Ele diz que outros moradores e pescadores fazem a mesma coisa

quando a maré sobe muito, como aconteceu esta semana, por causa do vento sul. "Ninguém tem coragem de ficar em casa. A maioria sai para a rua levando o que pode, pois as casas podem cair a qualquer momento. Por sorte, ainda não morreu ninguém, mas, no dia em que tiver uma maré alta com vento sul forte, não se sabe o que pode acontecer aqui na Bugia", disse José Maria Araújo.

Outro morador da Bugia, Josias dos Santos, reside às margens do Rio Cricaré há dois anos. Ele toma conta da casa de Paulo Sérgio Carvalhinho. A casa estava sendo construída, mas a obra parou, pois o proprietário não quer continuar investindo numa coisa que a qualquer instante pode desabar. "A casa só não caiu porque fizeram uma proteção e constantemente nós colocamos entulho para conter a ação do mar. Mas isso não adianta muito, pois quando a maré sobe leva uma parte. Não sei até quando isso vai aguentar".

Ouvidor visita três áreas

O ouvidor-geral do Ibama, Jurany de Souza Nunes, visita hoje três áreas de preservação permanente no Estado, alvos de processos administrativos em virtude de ocupações irregulares. Ontem, representantes da comunidade do morro do Romão, em Vitória – um dos locais que serão visitados – foram à sede do órgão, na Avenida Beira-Mar, pedir ao ouvidor que dê parecer favorável a suspensão do embargo das obras de uma estrada de acesso ao morro. O Ibama requereu à Justiça o embargo da estrada. O pedido foi deferido e determinado o embargo em novembro do ano passado.

O superintendente regional do instituto, Adilson Loures da Silva, disse que solicitou a vinda do ouvidor ao Estado (ele

chegou ontem a Vitória) para assessorá-lo nas decisões envolvendo os processos. Além da estrada do Romão – obra administrada pela Prefeitura da Capital – ele cita um aterro numa lagoa em Iriri, no município de Marataízes, e a construção de moradias em torno da lagoa de Cocal, em Vila Velha.

Além de conhecer as três realidades, o ouvidor deve se reunir em audiência com o procurador da República no Estado, Onofre de Faria Martins. Foi o procurador quem, motivado por denúncias, deu início aos processos que tratam do desrespeito ao artigo 2º do Código Florestal, relativo à garantia de preservação das áreas, segundo explicou Adilson Loures da Silva.